



# INFORMAÇÃO CULTURAL – ESTRUTURA, FINALIDADES E CONSEQÜÊNCIAS

Francisco Ruas Santos

*Coronel de Infantaria R/1. Presidiu a Comissão de História do Exército Brasileiro, do Estado-Maior do Exército. Dedica-se atualmente ao estudo de sistemas de informações e dirige o Centro de Informações Culturais do Rio de Janeiro.*

## 1. INTRODUÇÃO

**P**ara chegarmos ao nosso tema, é preciso primeiro apresentar alguns conceitos fundamentais.

Antes de mais: que entendemos por Cultura?

Em sentido amplo, Cultura é "uma 'soma' de forças espirituais, de saber e de poder humanos, de atividades mentais, que se superpõem (e por vezes se opõem) ao jogo cego dos instintos e das forças. A Cultura é criada e mantida pelo indivíduo e, simultaneamente, pela sociedade: são as duas condições necessárias"<sup>1</sup>.

Por outras palavras: Cultura é criação espiritual, além ou em oposição ao que é puramente instintivo e material no indivíduo ou no meio em que este vive. Apresenta-se fisicamente em vibrações acústicas ou objetos, como, por exemplo, um canto oral, um livro, um quadro, uma partitura. Essas manifestações físicas são os *produtos culturais*.

Tal criação pode ter como finalidades a satisfação espiritual do criador ou do grupo social, a mudança da realidade, o lazer puro e simples. Tudo isso de modo isolado ou simultâneo. Assim, por exemplo, um romance de fundo social, que originariamente satisfazia somente a um anseio criativo do seu autor, pode transformar-se num instrumento revolucionário e de lazer. E quanto mais adequado a esta última finalidade, maior a amplitude que é capaz de dar à finalidade revolucionária.

Há várias teorias quanto à origem e ao desenvolvimento da Cultura. A mais

1) Birket-Smith, Kaj, *História da Cultura*, tradução, S. Paulo, Edições Melhoramentos, p. 31.

apoiada pela pesquisa é a teoria dos empréstimos<sup>2</sup>. Por esta, as criações que dão forma às culturas circunscritas a determinados espaço e tempo, são feitas através de um processo de assimilação ou de interação.

Em síntese:

- 1º) o indivíduo cria (fase espiritual, a partir de uma idéia original, de idéia original enriquecida por empréstimo ou em que ele dá nova forma a este);
- 2º) a sociedade absorve e mantém a criação.

Os produtos culturais situam-se no campo da comunicação social e, assim, podem adquirir finalidades sociais, mesmo que o autor tenha objetivado unicamente sua própria satisfação.

Através de produtos culturais o indivíduo ou o grupo se identificam ou reconhecem. Daí a tendência que têm as criações culturais para permanecer. Os sociólogos expressam isso ao dizer que os padrões culturais tendem a permanecer ou a voltar, ou evoluem lentamente. Assim, em nível mais amplo, uma cultura nacional pode ser definida como o resultado do reconhecimento coletivo de um patrimônio espiritual comum, por meio do qual a nação se identifica no conjunto diversificado de nações. Inversamente, a nação busca preservar ou reconstituir bens ou valores culturais que informam sua cultura. Se esses objetivos não são conseguidos, a nação perde sua identidade e pode assumir outra, dentro de um processo de vassalagem ou submissão, se antes disso não desaparecer.

## 2. A COMUNICAÇÃO

Do ponto de vista da comunicação, os produtos culturais são mensagens que expressam o momento de criatividade do seu produtor. Como tal, podem ter sido objeto da censura individual, como no caso de um escritor que, se autocriticando, modifica o que escreve.

Devido à censura estética, individual, ou a outro tipo de censura, como a do grupo social, o processo de criação completa-se num ambiente que tem um certo grau de entropia<sup>3</sup> ou desordem. De fato, dentre as mensagens possíveis, melhores

2) Idem, p. 15.

3) Em passado recente, tentou-se, na teoria da Informação, associar a "maior desordem", máxima entropia, à banalidade, e a maior entropia, à "qualidade" artística. Para isso o produto cultural não pode ser assim atomizado para julgamento. (Francisco Antônio Dória, *Dicionário Básico de Comunicação*, 2ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1975.)

Essa observação, com a qual concordamos, é importante, porquanto aqui preconizamos a análise, separação ou "atomização" das partes de um produto cultural como documento, sem, todavia, fazê-lo para formular juízos de valor ou praticar a crítica estética sobre a obra de arte.

Feita essa ressalva, podemos associar a máxima entropia ao máximo de informação ou a maior liberdade do criador da fonte, documento ou produto cultural, relativamente às possíveis mensagens a transmitir.

ou piores, viáveis ou inviáveis, geralmente ocorrendo ao seu espírito de modo tumultuado ou desordenado, *o criador deve escolher uma ou mais que o satisfaçam ou sejam dizíveis*. Exercendo, desse modo, sua liberdade de escolha, o criador acaba formulando uma ou mais mensagens, abandonando outras. Tais mensagens gravam-se em produtos culturais ou documentos no mais amplo sentido (livro, quadro, etc.). Por isso se diz que a informação é a medida da liberdade de escolha, pelo criador, de mensagens num conjunto entrópico ou desordenado.

Por conseguinte, podemos ter a identidade:

Mensagem  $\equiv$  Informação  $\equiv$  Documento  $\equiv$  Produto cultural

Quanto maior a entropia presente, maior a possibilidade do exercício da liberdade de escolha da mensagem. Mas, também, maior dificuldade ou demora no processo criativo. Em compensação, se foi elevado o grau de entropia, há informações ou mensagens que, embora não escolhidas pelo criador, constituem um potencial informativo. A metáfora é um recurso para ampliar a liberdade de escolha das mensagens sujeitas à censura.

Inversamente, analisando-se um produto cultural com relação ao meio em que surgiu, assim como à personalidade do seu criador, procuramos determinar o que é metafórico ou quais as mensagens possíveis e indizíveis, a fim de reconstituir esse potencial informativo no seu todo.

Essa análise *além* ou *por trás* do documento ou produto cultural é função da capacidade ou do instrumental possuídos pelo analista. A Heurística<sup>4</sup>, dentre outras técnicas, é um instrumento à disposição desse analista. Por isso é que se diz que tanto melhor será a análise do produto cultural, quanto melhor for a capacidade do analista.

### 3. A INFORMAÇÃO E A PRODUÇÃO CULTURAL

As mensagens, as informações, os documentos ou, enfim, os produtos culturais — atentando-se para a teoria do empréstimo — podem ser tomados como *fontes culturais*. Tal como cantigas infantis populares serviram de motivo ou inspiração a Villa-Lobos para compor algumas de suas músicas.

Por aí se vê que tais diferenças de denominação só têm sentido quando se consideram os pontos de vista do observador, pois o que há de fundamental ou constante é a *criatividade* do produtor de cultura. Criatividade essa com integral, maior ou menor grau de originalidade, mas sempre criatividade. E, a partir daí, os juízos de valor podem variar ao extremo, no tempo e no espaço. Uma obra de criação espiritual, por isto, seja clássica ou modernista, agrade ou não a este ou àquele

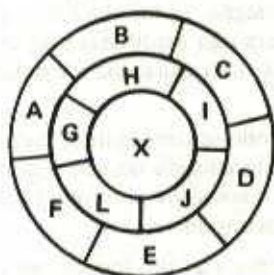
4) A Heurística procura explicitar regras e receitas para o desenvolvimento dos mecanismos criadores ou é a "arte" de resolver problemas (autor e obra citada em 2). No campo da História, a Heurística está voltada para a análise documental, sendo um instrumento absolutamente indispensável ao pesquisador.

crítico, será sempre uma obra cultural, como expressão da criatividade do seu produtor.

Nessa transição do "popular" (cantiga infantil popular) para o "erudito" (música de Villa-Lobos) está implícito um conceito meramente circunstancial ou didático, pois o critério absoluto é o da criação espiritual.

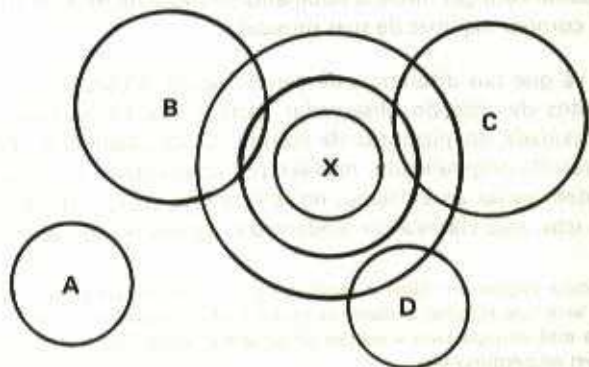
Podemos, então, abordar a questão do ponto de vista da Informação, para chegarmos a compreender melhor a estrutura da informação cultural.

A informação pode ser vista como um conjunto multiimbricado, multifacetado e globalizado de elementos ou informações, no qual uns reagem sobre os outros, num processo contínuo e dinâmico. Podemos figurar esse conjunto por segmentos informativos:



Se considerarmos esse conjunto como correspondente à Informação Cultural Brasileira, G pode ser o segmento correspondente à Música Erudita. A ampliação de G pela assimilação de produtos de X — Cultura popular — aumentará as possibilidades de B — Meios de ensino e transmissão cultural — e de C — Meios de comunicação de massa (televisão, por exemplo).

A partir de um núcleo central, de segmentos internos ou de núcleos exteriores (culturas alienígenas), segundo a teoria do empréstimo, a Informação Cultural estará sujeita a um dinamismo, com crescimento, trocas ou diminuição. O conjunto informativo pode, por isso, num dado momento, assumir a forma da figura:

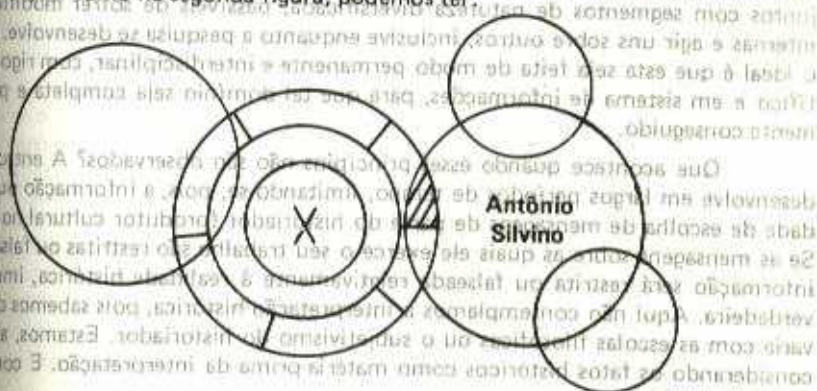


De A nada foi tomado pela nossa Informação Cultural e esta não age sobre A. Quanto à B, C e D, culturas das quais a nossa tomou empréstimos ou sofreu influências, podem ou não ter recebido empréstimos ou influências brasileiras.

Se tomarmos a primeira figura como correspondente a uma obra literária acabada, os elementos informativos estão estáticos. E se essa obra for *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, tais elementos são, dentre outros, sociólogos, geográficos, históricos e biográficos. Um elemento do último grupo é pertinente ao cangaceiro Antônio Silvino, visto e referido pelo autor no momento em que almoça no engenho, em companhia do avô de Lins do Rego.

Se o conjunto original, por definição imutável, pois que o autor já morreu, for aproveitado agora para servir de base a um filme, a introdução de elementos informativos novos, como outra casa-grande ou um outro mobiliário (barroco religioso, por exemplo), fará modificar-se o ambiente primitivo. O conjunto já não é o mesmo ou a informação cultural é outra, pelo menos em parte. Num processo mais radical, o novo produtor cultural (cineasta) pode aproveitar apenas o tema ou núcleo central — infância de um menino num engenho da Paraíba — e estabelecer um conjunto até mesmo inimaginável por José Lins do Rego. Foi por isso que Ernest Hemingway, depois de assistir a um filme baseado no seu livro *Adeus às Armas*, fazendo blague, disse que ele lhe dava a idéia para um outro romance...

Vendo, agora, a informação de Menino de Engenho relativamente a outros conjuntos, tal como na segunda figura, podemos ter:



O elemento informativo (///) correspondente à presença de Antônio Silvino no almoço no engenho é, também, um elemento informativo da biografia do célebre cangaceiro. O autor desta biografia deve considerar o fato daquela presença, mesmo que não o aproveite no seu produto final. Aproveitado ou não, esse fato biográfico, documentado, integra o potencial informativo para a reconstituição da vida de Antônio Silvino. A informação, tomada como medida da liberdade de escolha de mensagens dizíveis, por parte do produtor, corresponde ao fato biográfico, se este vier a compor uma biografia de Antônio Silvino.

Corolário imediato: a pesquisa ou o domínio das informações (mensagens, documentos, produtos culturais) *deve ser integrada*, como integrados e indivisíveis estão os elementos informativos no conjunto Informação Cultural. Por isso a denominamos PESQUISA CULTURAL INTEGRADA.

Uma vez que essa pesquisa não objetiva criar um determinado produto, *antes possibilitar o exercício da liberdade de escolha dos produtores culturais através do tempo*, situa-se no terreno convencionalmente rotulado de pesquisa pura ou básica<sup>5</sup>.

Por pesquisa cultural aplicada podemos, então, admitir a que objetiva a produção cultural imediatamente.

#### 4. INFORMAÇÃO CULTURAL E HISTÓRIA

Se a pesquisa cultural integrada for desenvolvida, como deve, segundo a Heurística e os preceitos de outras disciplinas auxiliares da História, e à luz da Comunicação Social, o potencial informativo, fixado em sua veracidade ou autenticidade, terá o valor máximo para a pesquisa aplicada ou a produção cultural propriamente dita, em qualquer campo, inclusive o da História.

Entendida a pesquisa, em sua acepção mais ampla, como a tentativa sistemática de domínio das informações, a pesquisa histórica objetiva o domínio das informações históricas. Mas estas, do ponto de vista da Informação, constituem conjuntos com segmentos de natureza diversificada, passíveis de sofrer modificações internas e agir uns sobre outros, inclusive enquanto a pesquisa se desenvolve. Logo, o ideal é que esta seja feita de modo permanente e interdisciplinar, com rigor científico e em sistema de informações, para que tal domínio seja completa e prontamente conseguido.

Que acontece quando esses princípios não são observados? A entropia desenvolve em largos períodos de tempo, limitando-se, pois, a informação ou liberdade de escolha de mensagens de parte do historiador (produtor cultural no caso). Se as mensagens sobre as quais ele exerce o seu trabalho são restritas ou falsas, a informação será restrita ou falseada relativamente à realidade histórica, imutável e verdadeira. Aqui não contemplamos a interpretação histórica, pois sabemos que esta varia com as escolas filosóficas ou o subjetivismo do historiador. Estamos, apenas, considerando os fatos históricos como matéria-prima da interpretação. E como fatos e não versões.

Neste caso particular, de análise, o historiador não cria, antes recria o acontecimento ou o fato cultural já absorvido ou mantido pelo grupo social. A fase epirritual inerente ao fato cultural fica circunscrita à visão real que o historiador cul-

5) Esses adjetivos apenas dão a entender que a Pesquisa Cultural Integrada, por definição, princípio, não deve ser produtora cultural, antes possibilitadora ou motivadora da produção cultural. De outro modo, seria difícil entender o que vem a ser pesquisa pura ou básica em campo cultural.

pôde ter, usando suas faculdades espirituais e o instrumental dos seus conhecimentos.

Se tomarmos o fato "Proclamação da Independência, feita pelo Príncipe D. Pedro no dia 7 de setembro de 1822 às margens do Ipiranga", o fato original é creditado ao Príncipe. O conjunto de iniciativas para reconstituir essa criação espiritual naquele momento histórico, como o inquérito feito anos depois com os remanescentes da escolta de D. Pedro, acende no espírito do historiador as luzes que lhe permitem "ver" o acontecimento, até mesmo como não o lograram enxergar as testemunhas.

Assim, o fato histórico é duplamente cultural: pela criação e pela recriação espiritual.

Projetadas essas conclusões no campo da nossa História, vemos surgir uma antinomia ainda não superada: temos uma história viva, riquíssima pela variedade dos personagens, ambientes e motivos — um potencial cultural enorme, portanto — e uma história escrita relativamente paupérrima. Não precisamos entrar nas causas dessa tremenda contradição, sendo a principal a fraqueza da pesquisa.

Vamos, apenas, documentar a nossa assertiva, tomando como paradigma o que acontece na historiografia militar. Em quatro séculos e meio da formação do Brasil, as sete décadas imperiais e a primeira republicana dominam. E nesse período assim restrito, o esforço historiográfico é quase todo exercido sobre um número limitado de fatos e personagens. Sobrelevam a guerra da Tríplice Aliança, a Proclamação e Consolidação da República, com a exaltação de Caxias, Osório, Mallet, Tamandaré, Inhaúma, Deodoro e Floriano, e poucos mais. Assemelhando fatos e personagens a camadas geológicas, diríamos que sondamos apenas a superior, com uma ou outra perfuração indo até às inferiores, sem, no entanto apresentar resultados definitivos para o seu conhecimento científico.

É claro que aqueles eventos e personagens da camada superior deviam ter sido estudados. Mas esse estudo é "extensivo" e "repetitivo", monotonamente recursivo. Passamos e repassamos vidas ilustres, a partir de algumas fontes ou informações já elaboradas. Não exploramos a fundo o potencial informativo entrópico, logo a informação é pobre e, às vezes, como no caso de Caxias, dá-nos a impressão de estar contida numa camisa-de-força.

Quanto ao século XVII, a extensão é sobre as Bandeiras e um tanto sobre a Guerra Holandesa. E no contexto desta têm primazia as batalhas dos Guararapes, desprezando-se ou ignorando-se o potencial informativo representado pela documentação coesa, em especial a holandesa já publicada no Brasil, cobrindo todos os aspectos da nossa guerra dos Trinta Anos.

No século XX, a FEB domina a historiografia e através da atuação da la D.I.E. O mais importante, no entanto, considerado o fenômeno *guerra* e não o fato particular *operações*, seria a participação do homem brasileiro no conflito, sobre o qual a historiografia é ainda relativamente pobre.

Contradição também muito chocante é a que nos apresenta o século XVIII, quando política e militarmente definiu-se o perfil das nossas fronteiras terrestres, pela conjugação gigantesca dos esforços da Metrópole e da Colônia.

Não é aqui o lugar também de analisarmos as causas desse desequilíbrio prejudicial às finalidades maiores da História. Vejamos, apenas, uma das suas perniciosas consequências no terreno do nosso tema ou da Informação Cultural.

Os espaços culturais da televisão e do cinema, em especial, acham-se leoninamente ocupados pelos produtos culturais alienígenas. A tendência natural, para preenchê-los segundo os nossos interesses, é recorrer aos produtos culturais nacionais. É o óbvio que está no consenso geral.

Mas para essa urgente nacionalização, claudica e claudicará a produção cultural brasileira, porque a informação histórico-cultural não é inteiramente adequada à Comunicação de Massa.

Por exemplo: no caso da Guerra Holandesa, as batalhas dos Guararapes podem não ser os temas mais motivadores. Mostrar a atuação dos guerrilheiros nordestinos entre 1630 e 1645, com alta dose de aventura e ação, pode ser muito menos difícil e custoso, e muito mais motivador, do que mostrar as batalhas de 1648 e 1649, eventos de difícil clima e caríssima reconstituição. Se temos Deodoro estereotipado como proclamador da República, esquecemos ou ignoramos que foi um valente comandante de batalhão de infantaria, de Voluntários, na fase mais difícil e cheia de sacrifícios da campanha do Paraguai. Como espetáculo, esta fase, além de reconstituição menos dispendiosa, pode entusiasmar a massa muito mais do que a intriga inerente aos dias que precederam o 15 de novembro de 1889 no Rio de Janeiro e nesse dia. Tal pode acontecer principalmente porque o povo esteve ausente aqui, mas representado no batalhão de voluntários comandado por Deodoro.

Se generalizarmos essa ilustração, poderemos concluir quanto à pobreza da História escrita, relativamente à riqueza informativa da História viva.

Uma vez que está em jogo a ocupação dos nossos espaços culturais, antes de culparmos as multinacionais ou determinada cadeia de televisão, é mais prudente e sábio pensarmos na realidade da informação cultural, informação essa que não poderá ser nunca a que desejamos, se não montarmos e desenvolvermos a *Pesquisa Cultural Integrada, de modo permanente e multidisciplinar, com feição científica e sistêmica*.

Por tudo isso, não devemos e não podemos mais restringir-nos, como até aqui, à *informação setorial — histórica, por exemplo — e, sim, à informação cultu-*

- 6) No sentido do aprofundamento, temos dois exemplos salutaríssimos: o do pesquisador e historiador Marcos Carneiro de Mendonça, com a reunião metódica e paciente, seguida de exploração, de riquíssima documentação pertinente aos séculos XVII e XVIII, este muito em particular; e o do historiador General Paulo de Queiroz Duarte com seu admirável trabalho de pesquisa sobre os batalhões de Voluntários da Pátria no período 1865-70; infelizmente este trabalho, como parte daquele no tocante à nossa história político-militar, estão ainda inéditos.



ra], a ser dominada por equipes interdisciplinares, visando, prioritariamente, ao desenvolvimento cultural, no nível da produção, de apoio aos produtores culturais. E objetivando, também prioritariamente, a conquista dos espaços em Comunicação de Massa.

No caso da Pesquisa Cultural Integrada que se exerça sobre documentos histórico-militares, ela não pode deixar de incluir os segmentos de informação relacionados com o estabelecimento da Doutrina Militar, tais os referentes à mobilização, às operações, às unidades de tropa e à logística. Inseparavelmente dos demais, pois, conforme vimos, a informação cultural é um conjunto multifacetado, multiimbricado e global, com suas partes no dinamismo das reações mútuas.